

MASCULINIDADE, COMPORTAMENTO VIOLENTO E VULNERABILIDADE JUVENIL

LEILA REIS LEAL¹

LUZIA WILMA SANTANA DA SILVA²

INTRODUÇÃO

A pergunta sobre qual a relação entre masculinidade e comportamento violento em jovens do sexo masculino sobrevoa a discussão sobre a singularidade dessas pessoas no âmbito das relações sociais de sexo, das homosociabilidades e no campo mais amplo de sua cultura, “sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina” (BOURDIEU, 2002, p. 15).

Localizados em uma sociedade mantida em princípios androcêntricos, que são eixos da construção deste masculino, o objetivo deste ensaio é originar reflexões à ação contributiva referente às produções científicas, sobre o impacto das masculinidades revestidas do ideal viril na socialização de adolescentes e jovens brasileiros que, na dinâmica das estruturas sociais, reiteram cotidianamente a violência interpessoal como algo normativo ou naturalizado. Nesta perspectiva, a masculinidade ativada pelo eixo da dominação “incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Assim, refletiremos sobre a masculinidade hegemônica, sem essencializá-la, por ser uma combinação plural e hierárquica de masculinidades, mas na perspectiva da sua normatividade de condutas, dentro de um ideal viril, que produz a vulnerabilidade e a violência entre estes jovens.

Este problema ecoa em um estudo de revisão de literatura acerca da

¹ Psicóloga, Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: lealpsi@gmail.com; Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

² Pós-doutora em Enfermagem. Docente Plena da UESB/DS2 e do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB). Líder do Grupo Interdisciplinar em Ciências da Saúde e Sociedade. Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Cuidados à Saúde da Família em Convivibilidade com Doenças Crônicas (NIEFAM). E-mail: luzia.santana@uesb.edu.br

relação violência juvenil e cultivo da masculinidade violenta, no Brasil, o qual seja, a 'Mortalidade de adolescentes e adultos jovens brasileiros entre 1990 e 2019: uma análise do estudo Carga Global de Doença' (MALTA *et al.*, 2021), salta aos olhos a elevada mortalidade entre adolescentes e adultos jovens do sexo masculino (10-24 anos), em especial, na região nordeste do Brasil, por violência interpessoal – uma cenário em recorrência que mantém a região a aproximadamente três décadas, a frente de outras regiões do país. Portanto, refletir crítica e conscienciosamente sobre estes resultados se evidencia como necessário. A este direcionamento este ensaio, assentado em teóricos que abordam a masculinidade vinculada ao acirramento do comportamento violento, a este, dentre outros marcadores, os de raça e classe social - no imbricamento das elevadas taxas de mortalidade entre estes sujeitos.

Conceito de Masculinidade: o eixo e os fluxos

De uma maneira geral, a sexualidade pode ser definida como a construção social dos usos dos corpos, incluindo não exclusivamente os genitais, mas a conduta, relações, comportamento, práticas e atos sexuais, sendo a sua formatação e ordenação variáveis de acordo com as épocas e as sociedades (LHOMOND, 2009).

Conforme Pascale Molinier e Daniel Welzer-Lang (2009; 2001), o usual entendimento da masculinidade designa características e qualidades atribuídas aos homens. Na maioria das sociedades, há uma correspondência entre a bipartição do gênero e a bipartição do sexo, realizada sob forma normal e normatizada na heterossexualidade (MATHIEU, 2009). Assim, "o gênero *traduz* o sexo. Deve haver uma adequação entre gênero e sexo, com uma ênfase neste último" (GOMES, 2003, p. 224). São as relações sociais de sexo, marcadas pela dominação masculina, que determinam o que é considerado "normal" e interpretado como "natural" – para homens e mulheres.

Desde a infância, a educação dos meninos estrutura o masculino de maneira paradoxal e os embute a ideia de que, para ser um homem *verdadeiro*, deve combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres. Nesta dinâmica, o gênero é "sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário)

da feminilidade” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 265).

Em nossa sociedade, quando as crianças do sexo masculino passam a se reagrupar com outros meninos de mesma idade, elas atravessam uma fase de homosociabilidade (relações sociais entre pessoas do mesmo sexo), com indagações e disputas sobre o tamanho do pênis, da força e da coragem, por exemplo. Welzer-Lang (2001, p. 462), arremata que “eles aprendem e reproduzem os mesmos modelos sexuais, tanto pela forma de aproximação quanto pela forma de expressão do desejo”. Em linhas gerais, esta construção do gênero foi observada na literatura quando se manifesta materialmente na divisão social e sexual do trabalho e dos meios de produção, incluindo a capacidade reprodutiva das mulheres, aspectos de diferenciação como vestimenta, comportamentos, atitudes físicas e psicológicas, desigualdade de acesso aos recursos materiais e mentais (MATHIEU, 2009), consecutivamente, em todo o mundo social e, “em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (BOURDIEU, 2002, p. 17). Disto, ancora-se a noção do conceito de masculinidade hegemônica.

É importante discernir que sua aplicação como um caráter fixo é criticada, por ter sido enquadrada no seio de uma concepção heteronormativa de gênero que, conforme Connell e Messerschmidt, essencializa a diferença macho/fêmea e ignora a diferença e a exceção dentro das categorias de gênero. Ao conceito de masculinidade é atribuído o fato de “esse permanecer logicamente numa dicotomização do sexo (biológico) versus gênero (cultural), dessa forma marginalizando ou naturalizando o corpo” (*Ibid.*, 2013, p. 250).

Nesta perspectiva, os autores acrescentam que a masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. O conceito de masculinidade(s) subjaz “configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250). Os autores ainda explicam que,

Devido ao fato de o conceito de masculinidade hegemônica ser baseado na prática que permite a continuidade da dominação coletiva dos homens sobre as mulheres, não é surpreendente que em alguns contextos a masculinidade hegemônica realmente se refira ao engajamento dos homens a práticas tóxicas – incluindo a violência física – que estabilizam a

dominação de gênero em um contexto particular. Entretanto, a violência e outras práticas nocivas não são sempre as características definidoras, uma vez que a hegemonia tem numerosas configurações (Ibid., 2013, p. 255).

Ainda salientam que as masculinidades não estão localizadas em um eixo único de poder ou de “dominação global”, dos homens sobre as mulheres - a masculinidade hegemônica. Propõem a reformulação do conceito em quatro áreas, destas, aqui pensaremos sobre a *natureza das hierarquias de gênero e a geografia das configurações de masculinidade*. Atribuem que é importante a contínua reflexão sobre a distinção entre o “patriarcado” - uma estruturação da subordinação das mulheres, e o “gênero”, um sistema específico de trocas que surgiu no contexto do capitalismo moderno.

Nesta linha de pensamento, que inclui as formas subjacentes do exercício da masculinidade, tem-se a virilidade como ponto de partida para compreender o comportamento violento. Gomes (2003) concorda que há diferenças do que é ser homem e ser mulher no tempo, espaço e, em específico, no interior das classes sociais, mas observa que ainda há homens que utilizam padrões tradicionais – poder, agressividade, iniciativa e sexualidade incontrolada – para construir a sua identidade sexual.

A virilidade se reveste tanto na força, na coragem, na capacidade de combater, no “direito” à violência e aos privilégios associados aos que não são – e não podem ser – viris: mulheres, crianças e na forma erétil e penetrante da sexualidade masculina. A virilidade, é imposta aos meninos desde a sua socialização, sendo “a expressão coletiva e individualizada da dominação masculina” (MOLINIER; WELZER-LANG, 2009, p. 101-102).

Neste sentido, a virilidade, sendo produto de uma inculcação, “como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens [...]” (BOURDIEU, 2002, p. 67). Relacionando-a com a violência, o autor arremata: “[...]os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante” (*Ibid.*, p. 63), da cultura androcêntrica. Esta prisão, que vincula a prática de uma masculinidade construída nesta lógica de sociabilidade, pode trazer consequências perceptíveis, ou melhor, alarmantes, exemplo disto é o estudo sobre a mortalidade de adolescentes e adultos no Brasil, 1990 a 2019, descrito em parágrafos precedentes.

A olhar para este estudo e outros sobre a juventude, referente às vidas ceifadas, em destaque pela violência, é necessário refletir e agir no direcionamento da dignidade da vida humana, das relações entre as formas de viver a masculinidade e a cultura.

Em perspectiva: práticas de masculinidade(s) e vulnerabilidade à violência

É evidente que pensar sobre a violência entre adolescentes e jovens pela perspectiva da atividade da masculinidade é, de antemão, destacar esta interface dentre as demais causas de vulnerabilidade à violência, as chamadas “formas estruturais da violência, muitas vezes ocultas numa fachada de inevitabilidade histórica da pobreza, da desigualdade, da ineficácia da garantia de direitos” (BRASIL, 2005, p.81), incluindo as questões de raça que atingem mais crianças e adolescentes negros pobres do que seus pares brancos (*Ibid.*).

Esta realidade é constatada no ‘Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência 2017’, indicador da Secretaria Nacional da Juventude, que agrega dados relativos às dimensões-chave na determinação da vulnerabilidade dos jovens de 15 a 29 anos à violência, tais como: taxa de frequência à escola, escolaridade, inserção no mercado de trabalho, taxa de mortalidade por homicídios e por acidentes de trânsito. Trata-se de um instrumento norteador às políticas públicas (BRASIL, 2017). O resultado, extraído do Atlas da Violência 2017, evidencia a correspondência com os achados de Malta et al (2021):

...a violência atinge especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. [...] mais da metade das 59.080 pessoas mortas por homicídios em 2015 eram jovens (31.264, equivalentes a 54,1%), das quais 71% negras (pretas e pardas) e 92% do sexo masculino (BRASIL, 2017, p. 15).

Também referência, a pesquisa de Machado (2001), que estudou especialmente as relações entre as formas de viver a masculinidade e a cultura da violência, tendo jovens infratores dentre os sujeitos pesquisados. A antropóloga constatou que no discurso e na *performance* de grupo há caracteres da cultura machista que impulsionam a violência interpessoal, refletindo sobre “a articulação entre os valores hegemônicos do masculino e os valores do exercício da violência física” (MACHADO, 2001, p. 02).

Converge neste ponto, a discussão do resultado do estudo “Impacto sobre

a violência na saúde dos brasileiros” coordenado por Minayo et al. (2005) e Ministério da Saúde, a expressão da reprodução reiterada da violência envolvendo adolescentes e jovens do sexo masculino, no contexto brasileiro. A pesquisa mapeou diversas formas de violência que envolve os adolescentes de 10 a 19 anos na década de 90, sendo identificadas multivariadas situações de riscos relacionadas à violência juvenil, tais como “participação constante em brigas, porte de armas, cultivo da masculinidade violenta, influência de álcool e outras drogas” (BRASIL, 2005, p. 86).

Observa-se nos referidos estudos que além dos determinantes de classe, raça, gênero, outros se inserem como a escassez de políticas públicas, aspectos culturais que incentivam comportamentos e atitudes agressivas dos homens na configuração deste masculino, violência interpessoal e a vulnerabilidade ao envolvimento com drogas, armas, crime organizado e exposição a práticas de risco.

REFLEXÕES FINAIS

Neste panorama, a nossa pergunta inicial repousa nos resultados dos estudos apresentados: a vítima e o agressor da violência no Brasil são do sexo masculino e destacamos a maioria ser de jovens e adultos jovens das regiões nordeste e norte do Brasil.

A masculinidade configurada no registro da virilidade, condicionando e vulnerabilizando as vidas de jovens a uma conduta violenta.

O masculino, construído em uma posição social (naturalizada) de agente do poder da violência. No que tange a formulação das *hierarquias de gênero*, a motivação em direção a uma versão hegemônica específica varia de acordo com o contexto local.

Connell e Messerschmidt (2013) lembram que, o conceito de masculinidade também influenciou na teorização da relação entre masculinidades a uma série de crimes, pois os homens e os meninos atuavam mais nos crimes do que as mulheres e as meninas. Assim, temos uma direção indicada pelos achados supracitados, da potência à violação destes corpos jovens respaldada numa ‘moral do macho violento’, vinda da construção de um masculino viril que contribui

para alavancar as causas de morte da juventude brasileira.

Sobre o aumento da violência e homicídios nas regiões nordeste e norte do país nos últimos anos, estreitamos o olhar para o fenômeno da *geografia das masculinidades* (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), já que as construções regionais e locais da masculinidade hegemônica são combinadas pela articulação desses sistemas de gênero com processos globais. Malta et al (2021) constatou que com a consolidação de facções instaladas nas fronteiras da região nordeste, oriundas do sudeste, associadas ao tráfico de drogas com zonas de conflitos armados, apresenta uma masculinidade violenta, além das disputas em presídios, promovendo guerras entre facções e acentuando os riscos de mortes nessas regiões. Trata-se de evidências que apontam à necessidade de mais pesquisas e investimento humano sensível ao fenômeno masculinidade nestas regiões e para além delas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 11ª. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand. Brasil, 2002.

BRASIL. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005, 340p.

BRASIL. **Índice de Vulnerabilidade Juvenil à violência 2017: Desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes**. Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017, 87 p.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21 (1): 241-282, janeiro-abril/2013.

GOMES, R. Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. **Ciência & Saúde Coletiva**, 8(3): 825-829, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232003000300017>

LHOMOND, B. Sexualidade. In: HIRATA, H. et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 231-235.

MACHADO, L. Masculinidades e violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. **Série Antropológica**. UNB, Brasília, 2001. (Mimeo).

MALTA, D. C.; MINAYO, M. C. de S.; CARDOSO, L. S. de M.; VELOSO, G. A.; TEIXEIRA, R. A.; PINTO, I. V.; NAGHAVI. Mortalidade de adolescentes e adultos jovens brasileiros entre 1990 e 2019: uma análise do estudo Carga Global de Doença, **Ciência & Saúde Coletiva**, 2021; 26 (9): 4069-4086. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.1212202>

MATHIEU, N. Sexo e gênero. In: HIRATA, H. et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 222-231.

MINAYO, M., et al. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**. 10 (1): 18-34, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100005>

MOLINIER, P.; WELZER-LANG, D. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: HIRATA, H. et al. (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 101-106.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, 2001, 9(2): 460-482.